

São Paulo, 07 de fevereiro de 2012

CNSEG - Workshop de Inovação e Oportunidades em Sustentabilidade da Indústria de Seguros

Por Alexandre Yokote

Hoje dia 07 de fevereiro aconteceu o primeiro Workshop Inovação e Oportunidades em Sustentabilidade promovido pela Confederação Nacional das Empresas de Seguros Gerais, Previdência Privada e Vida, Saúde Suplementar e Capitalização (CNSEG).

Trata-se de um evento idealizado e resultado de uma série de iniciativas já em andamento no setor de seguros, visando um alinhamento aos princípios de sustentabilidade do UNEP-FI, bem como o próprio posicionamento da indústria de seguros brasileira na questão de “riscos e oportunidades” aos novos desafios da sustentabilidade, dentre os quais o comentado as Mudanças Climáticas, que de um lado pode ser associado a incertezas e aumento de sinistralidades em ramos elementares, saúde e vida, mas por outro lado abre um leque de novos produtos em seguro (a ex. de seguros garantia para crédito de carbono) cujo Seguradoras e Resseguradoras podem aproveitar, fugindo das coberturas tradicionais.

Apenas para conhecimento, há 4 Princípios para Sustentabilidade em Seguros (PSS) que serão lançados na Rio+20, eles envolvem questões ambientais, sociais e de governança (ASG):

- 1) Iremos incorporar em nosso processo de tomada de decisões as questões ambientais, sociais e de governança – ASG – que sejam relevantes para o nosso negócio de seguros.
- 2) Vamos interagir com nossos clientes e parceiros comerciais para aumentar a conscientização sobre questões ASG, gerenciamento de riscos e desenvolvimentos de soluções.
- 3) Trabalharemos em conjunto com governos, órgãos reguladores, formuladores de políticas e outras partes interessadas para promover ações coletivas no gerenciamento de riscos ASG.
- 4) Demonstraremos responsabilidade e transparência aos nossos stakeholders, divulgando periodicamente nossos progressos na implementação dos Princípios.

Diferentemente do Protocolo Verde da Indústria de seguros assinado em 2009, similar ao dos Bancos, apenas a ecoeficiência e responsabilidade social interna nos processos não está explícitas nos Princípios. A questão de produtos verdes e de inclusão, podemos dizer que faz parte do 1º Princípio.

Da minha experiência de anos como engenheiro de risco para seguros, posso dizer que:

- a) O Princípio 3 é suma importância em função das características de normativas legais da indústria de seguros no Brasil, pois há Órgão regulador e regras que devem ser seguidas para proteger o consumidor e a capacidade das seguradoras (a abertura de mercado ressegurador no Brasil é algo extremamente recente, antigamente podíamos quase dizer que o seguro do seguro era um risco comprado pelo governo brasileiro através do IRB). Não se lança por exemplo, novos produtos sem haver uma regulamentação da cobertura e de suas regras, como também não se pode direcionar parte do capital das seguradoras acima de um determinado valor, para investimentos de risco (diferentemente do que acontecia nos EUA e que resultou na queda da AIG).
- b) O Princípio 2 visa transformar a indústria de seguros como um motor para a difusão da sustentabilidade em função de sua importante atuação como financiador ou compartilhador do risco. Todos querem se sentir e estar seguros. Destaca-se entre os parceiros, as corretoras de seguro, que também deverão assumir todos os PSS, caso contrário, por serem intermediários no processo e serem conceitualmente empresas consultivas para os clientes, o PSS não irá efetivamente se tornar realidade.
- c) O Princípio 1 é o alicerce. É sobre ele que demandará a inclusão das questões ASG em toda a subscrição, desde o conhecimento e avaliação do risco, até as recomendações para aceitação do risco e precificação. Além disso, como comentado antes, temos a gestão de oportunidades com desenvolvimento de novos produtos para a base da pirâmide socioeconômica e produtos para os novos desafios ambientais.

Mas vamos voltar ao workshop.

Foi bom saber das iniciativas e ações das seguradoras e qual o status atual de atendimento do mercado ao PSS. Também foi interessante saber que já há 8 circulares SUSEP em discussão para microsseguros.

A iniciativa das seguradoras e do CNSEG é bem válida, mas acho que foi unânime o entendimento que estamos sim atrasados no assunto, quando olhamos para as instituições bancárias com sua Basileia I, II e III, Princípios do Equador, PRI, e assim por diante. Também é consenso que a sustentabilidade não é mais assunto paralelo, faz parte da sobrevivência organizacional, mas o desenvolvimento e a difusão de produtos mais sustentáveis em seguros, ainda é visto como uma incerteza do tipo “quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?”, isto é, “o mercado segurador não desenvolve produtos sustentáveis porque os consumidores não demandam ou os consumidores não demandam porque o mercado segurador não difunde e desenvolve produtos sustentáveis?”

Outro reconhecimento comum é que as Seguradoras nacionais não possuem suficiente histórico de sinistralidades e modelos causa / consequência para uma efetiva gestão dos riscos, algo que é bem comum hoje no mercado ressegurador principalmente pela Swiss-Re e Munich-Re. Isso é um problema pois a consolidação de dados e informações é parte fundamental da redução de incertezas, cerne da gestão de riscos de qualquer organização que segue os padrões mais comuns tipo COSO 2, Basileia, ISO31000, ...

Bom... Ocorreram palestras sobre o aumento de as catástrofes climáticas, tentando correlacionar as emissões de gases de efeito estufa (GEE) e urbanização com os natural hazards, palestra sobre o PRI e no final uma mesa de debate com executivos de alta patente de seguradoras (SulAmerica, Bradesco Seguros e Previdência, Itaú XL, HSBC). O debate concentrou-se mais em discussões referente ao investimento do patrimônio financeiro das seguradoras que deveria seguro o PRI, ações e produtos existentes visando redução do risco.

Como um primeiro workshop podemos dizer que foi satisfatório, mas sinto falta efetivamente de um trabalho mais direcionado ao Princípio 1, não apenas com ações visando redução do risco, mas também com ações buscando novas oportunidades. Em previdência e Saúde comentou-se sobre ações consultivas de bem estar visando redução de sinistralidade apesar do aumento da longevidade, porém não houve muito destaque para a questão de inclusão social no ramos elementares com microsseguros, seguros “verdes” para crédito de carbono, projetos MDL, construções sustentáveis e tecnologias mais limpas, lembrando que muitas vezes estes dois últimos envolvem CAPEX maiores e projetos site-specific com uma série de know-how que em caso de sinistro geraria uma série de problemas para reposição. Também não ficou respondida claramente a questão de como as seguradoras irão beneficiar clientes com boa gestão socioambiental.

Em relação ao posicionamento de ecoeficiência das seguradoras, houve críticas sobre isso, como se fossem um marketing verde,. Eu não considero válida esta crítica, o próprio modelo de geração e valor de Stuart-Hart, trabalha com prevenção da poluição no seu quadrante “dentro da organização nos dias atuais”. Temos que arrumar a casa antes de vender sustentabilidade.

Acho que uma lição de casa final também deveria ser: Precisamos entender melhor o que são os novos desafios da sustentabilidade e reconhecer os riscos e oportunidades. É possível notar que ainda há muito desconhecimento na relação causa efeito de alguns desses desafios para os produtos de seguros. Exemplo, como as mudanças climáticas podem interferir no aumento de sinistralidade do Saúde com epidemias pela proliferação de mosquitos, ou com inundações e alagamentos favorecendo a disseminação de doenças, somando-se ainda a exposição de perdas pelo aumento de vendavais queda de raio e chuvas.

Outra questão para não se esquecer, mas deve ser advertido, construções sustentáveis normalmente geram maior vulnerabilidade para o risco incêndio, por meio de materiais de construção renováveis (em geral orgânicos combustíveis) e perda de compartimentações, isso faz com que a taxa do seguro patrimonial aumente apesar de você investir em uma instalação mais sustentável.